



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ERIZANE CORREIA

**EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO:** reflexões a partir da obra Pedagogia do Oprimido de  
Paulo Freire

ABAETETUBA-PA

2025

ERIZANE CORREIA

**EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO:** reflexões a partir da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge

ABAETETUBA-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C824e Correia, Erizane.  
EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO : reflexões a partir da obra  
Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire / Erizane Correia. — 2025.  
25 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,  
Abaetetuba, 2025.

1. Educação . 2. Prática educativa . 3. Libertação . 4.  
Humanização . I. Título.

CDD 370

---

ERIZANE CORREIA

**EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO:** reflexões a partir da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação:    /    /

Conceito:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora  
Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge - UFPA

---

Examinadora externa  
Dra. Andréa Souza de Albuquerque - IFPA

## **EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO:** reflexões a partir da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire

Erizane Correia<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo enfatiza a relação existente entre prática educativa e humanização na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, visando compreender a importância da educação crítica em tempos atuais. Além desta obra principal, foi empregue outras e de outros autores. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa e com ênfase a pesquisa bibliográfica. Os resultados salientam como ainda vigora a concepção bancária de educação no contexto educativo escolar e que consideramos comprometer o processo de ensino-aprendizagem do educandos e, também, a própria prática educativa dos educadores, porque distancia do valor de educar-se e da própria formação docente. Por outro lado, a educação como prática de liberdade visa justamente formar sujeitos capazes de atuarem ativamente na sociedade, desde processos mais humanistas, dialógicos e de comprometimento com a coletividade. Nesta concepção libertadora, educação e humanização são indissociáveis, na medida em que encontra-se pautada no desenvolvimento humano e em visa do resgate da humanidade roubada de educandos e de educadores.

**Palavras-chave:** Educação; Prática educativa; Libertação; Humanização.

### **ABSTRACT**

The article emphasizes the relationship between educational practice and humanization in Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed*, aiming to understand the importance of critical education in current times. In addition to this main work, others by different authors were also used. This is a qualitative research study with an emphasis on bibliographic research. The results highlight how the banking concept of education still prevails in the school educational context, which we consider to compromise the teaching-learning process of students and also the educational practice of educators themselves, because it distances them from the value of education and teacher training itself. On the other hand, education as a practice of freedom aims precisely to train individuals capable of actively participating in society, based on more humanistic, dialogical processes and a commitment to the community. In this liberating concept, education and humanization are inseparable, insofar as it is based on human development and aims to restore the stolen humanity of students and educators.

**Keywords:** Education; Educational practice; Liberation; Humanization

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba/PA. Email: [erizanecorreia6@gmail.com](mailto:erizanecorreia6@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA).

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa iniciou com uma fala da professora que ministrava a disciplina Arte e Educação, e durante um seminário ela pronunciou: “nossa educação precisa ser mais humanizadora”, e desde então houve o interesse pelo tema e com a hipótese, neste trabalho, de que ainda hoje, prevalece o ensino bancário nas escolas, o qual não contribui para a humanização e nem a formação crítica dos sujeitos.

Sabemos que a educação enfrenta desafios na sociedade brasileira por vários motivos. E a educação bancária como mencionado é utilizada no processo educativo, em que o/a educador/a é o único sujeito do processo, e conduz os educandos à memorização mecânica dos conteúdos narrados; a narração transforma o/a aluno/a num mero receptor do docente. Nesse sentido afirma Freire (1987, p. 37) “quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão”. Ou seja, o/a professor/a detém o conhecimento e o saber e o transfere aos alunos sem que haja reflexão e indagação sobre aquilo que foi exposto.

Esta educação bancária presente nas as escolas do país de modo geral, consideramos ser um dos problemas para um processo educativo cidadão. Em contraposição a essa forma ‘deseducativa’, Paulo Freire (1996) nos traz como vertente a educação libertadora, logo dialógica, nesta o/a aluno/a se torna um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, envolvendo e na troca de conhecimentos, questionamentos e reflexões.

Compreendo que educar pela concepção bancária, de fato prejudica o nosso processo de ensino-aprendizagem, no que tange a obtenção de uma criticidade e do pensar autêntico. Foi algo que vivenciei durante anos na Educação Básica, de silenciamento de ideias e de falar devido as formas e relações autoritárias em diversas práticas de docentes, logo, prejudica a vida pessoal e acadêmica. Ao contrário disse, durante a vida acadêmica pude conviver com professores/as que tinham práticas voltadas para olhar freireano, e que motivou seguir no caminho da docência.

Este artigo recorre a obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987), entre outros autores e obras do mesmo autor, no sentido de refletir a prática educativa voltada para a humanização dos/as educandos/as na perspectiva freireana. Refletir os postulados de uma educação como firmamento de uma relação dialógica, conseqüentemente, a favor da formação de sujeitos críticos, conscientes, questionadores e transformadores da sua realidade, em que buscam liberta-se e em libertação da atual visão desumanizadora praticada na sociedade.

Vale ressaltar, que a educação não acontece somente na escola, no entanto, nesse trabalho o foco está direcionado às práticas educativas de docentes. Assim, focamos tão

somente na educação escolar, perpassando pelo processo educativo dos/as educandos/as como sujeitos de direitos. Sem deixar de articulá-la com a vida em atuação social e no mundo do trabalho.

Assim, a questão problema é a seguinte: qual a relação entre prática educativa e a humanização na perspectiva de uma educação crítica na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire e em obras adjacentes? Como objetivo geral, discutir a relação existente entre prática educativa e a humanização na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, visando a compreensão da educação crítica. E os objetivos específicos, são: discutir as dimensões educação e humanização na obra de Paulo Freire e mapear as significações da prática educativa nas obras do autor.

Partimos da premissa, ancorada no questionamento instigante da pesquisa - a educação precisa ser humanizada, porque ainda, infelizmente, notamos que prevalece os princípios tradicionais e/ou bancários no sistema educacional. Dito isto, a humanização precisa ser inserida cada vez mais no processo educativo, com ações e práticas mais humanizadas por todas as pessoas que compõem o contexto escolar. Tal perspectiva visa a formação de sujeitos empáticos, conscientes, sujeitos ativos e transformadores da/na sociedade.

Nada de práticas mecanicistas, mas sim, humanas, de modo a constituir-se o ambiente escolar com escutas, falas, amorosidades, questionamentos, troca de saberes e a inteireza do sujeito. Ressaltamos que a humanização está fortemente posta na perspectiva crítica freireana, na medida em que o processo educativo destina-se ao desenvolvimento pleno da pessoa, isto é, alinhado com a consciência crítica, com autonomia do ato de conhecer e da valorização das experiências e saberes de cada um/uma. Sem contar, que pressupõe um ato extremamente dialógico, em vista de uma emancipação e transformação social.

Educação escolar prescinde pensar na prática educativa como o cerne dos processos educativos, em que docentes buscam continuamente as melhores ações e metodologias visando um ensinar-e-aprender integral e afetivo com os/as educandos/as. Ocorrendo tal processo, ainda, de forma coletiva, dinâmica, por isso fortalecendo a democracia.

O estudo, centrado na abordagem qualitativa envolve detidamente a pesquisa bibliográfica. Esta, é feita fundamentada em obras existentes, constituindo basicamente de artigos e livros científicos. “As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas” (Gil, 2002, p. 44).

No caso, o estudo esteve voltado a análise da obra *Pedagogia do Oprimido* (1987) e outras de apoio como: *Pedagogia da autonomia* (1996), *Medo e Ousadia* (1986), *Educação*

como *Prática de Liberdade* (1975), entre outros autores, estudiosos do legado de Paulo Freire. E esse tipo de pesquisa se adequa melhor ao levantamento das ideias e reflexões de uma obra específica, associada a outros autores que discutem a respeito da ideia principal, educação e humanização com base no autor.

A pesquisa como já dito busca refletir sobre a importância de se promover mudanças no sistema educacional, começando pela escola. Assim, vale dizer que se trata de uma temática já discutida há alguns anos, mas ainda pouco vista sua efetividade nas escolas, no que diz respeito a um processo educativo mais humano, justo e esteticamente belo. O que presenciamos são alguns/algumas professores/as tentando, sozinhos, sair do ensino tradicional, enquanto a maioria, continua executando o ensino descontextualizado e que não agrega na vida dos educandos, sem sabor e nem saber.

É importante debatermos esse tema em todos os espaços e nesse sentido, é relevante também no âmbito acadêmico, pois pode contribuir para a produção das pesquisas dentro da universidade, além de seu valor como conhecimento pautado na ciência.

Por último, cabe informar que concordando com o autor principal, Paulo Freire, daremos ênfase a linguagem adequada, centrando na equidade e nas questões da condição do feminino.

## **1. AS DIMENSÕES, EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO, PELA TEORIA CRÍTICA DE PAULO FREIRE**

Nesta seção tratamos de Educação e Humanização, enfatizando o processo de libertação de pessoas, conforme o autor-mater, os oprimidos, das garras dos opressores que atuam na desumanização destes. Ainda, tal processo sob uma vertente educacional. Porque a educação bancária ainda vigora como a educação dominante. Contrapondo a essa concepção de educação, Freire afirma sua teoria de educação libertadora, bastante evidenciada em obras *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Educação e Mudança* (1979) e *Pedagogia da Autonomia* (1996), esta educação visa promover a libertação dos indivíduos, por isso assume os pressupostos de educação problematizadora, dialógica, conscientizadora, emancipatória. São aspectos que esta seção trata, também com ideias de outros autores.

Segundo Freire (1987) a educação é um ato político, no sentido da articulação entre ambos, por isso estão atrelados quando se pensa no processo consciente e histórico do sujeito na sociedade. Nesta perspectiva, a educação tem sentido no rumo da história, tem sentido político a educação que preza pela conscientização das diferenças e do mundo humano. Tem sentido, a educação em condições estruturais, interestruturais ou superestruturais diante das contradições que atravessam o viver do homem e da mulher. E, quando ocorre a conscientização dos sujeitos,

não há espaço para acomodação, porque o senso crítico é ativado. A educação é a busca pelo ser mais de um/uma pessoa. A educação é uma prática social presente na vida do ser humano.

Humanização, segundo Freire (1969) diz respeito a vocação ontológica e histórica de ser mais do homem e da mulher. Assim, “na concepção humanista, problematizante, da educação, afasta qualquer possibilidade de manipulação do educando. De sua adaptação” (Freire, 1969, p. 131). O homem e a mulher no mundo, percorrem socialmente sempre em processos educativos numa realidade vista como mutável.

Quando pensamos educação e humanização são dimensões imbricadas. E na direção de uma educação escolar com processos educativos mais humanizados, como linhagem necessária a mudança societária, não cabe agir, pensar ou fazer o trabalho pedagógico vivenciado na desumanização.

Freire (1987) afirma que é importante reconhecer a desumanização, não apenas como possibilidade ontológica, mas como realidade histórica. Tendo por base para que os homens se questionem sobre a outra viabilidade, a da humanização. Ou seja, “Humanização e Desumanização dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (Freire, 1987, p. 19).

Na desumanização há injustiça, exploração, opressões das mais diversas formas em que os oprimidos deixam até mesmo de acreditar em si próprios e são levados a pensar que não são merecedores de sua humanização, e nessa desumanização é roubada a humanidade dos sujeitos. Notamos que essa prática antiga na sociedade e, também, na escola até hoje é praticada cujos opressores querem estar nesse lugar de oprimir deixando os oprimidos cada vez mais, oprimidos.

O processo de humanização não é algo tão fácil de se instaurar, até porque na história dos homens, houve a humanidade roubada e ainda acontece na sociedade atual. Ou seja, é algo recorrente e prejudicial devido a classe dominante utilizar a escola como aparelho ideológico do estado, e com isso validam a educação bancária como ideologia dominante com conteúdos e formas pedagógicas que tratam os/as educandos/as como seres completamente alienados (Althusser, 1980).

Algo que se perpetrou durante boa parte da educação básica em que não éramos mobilizados a sermos críticos frente aos acontecimentos da sociedade, e sim estivemos centrado num ensino voltado para a memorização dos conteúdos e tirar uma nota para passar de ano/série. Ou seja, esta concepção bancária não admitia que desenvolvêssemos a criticidade e nem pensarmos como sujeitos ativos.

Partindo disto, a classe dominado busca tornar os educandos/as incapazes de serem críticos, livres, dessa forma “[...] colocam uma espécie de venda que impossibilita a visão do mundo, retirando-lhes o que há de mais valioso enquanto seres humanos: a liberdade e a humanização” (Morais & Agostini, 2019, p. 7).

Em outras palavras, as opressões conduzem o ser humano a pensamentos, maneiras de lidar com situações advindas dos opressores; visto que, crescemos nesse cenário de opressão e de certa forma essa armadura começa a fazer parte do cotidiano, algo normal e sem perspectiva de mudança. Por isso, refletir sobre essa realidade no âmbito escolar é uma condição para que haja transformação, por essa razão precisa ser uma prática contínua por educadores/as, em vista de uma conscientização dos sujeitos.

Segundo Freire (1987), durante a luta dos oprimidos por sua humanidade, é preciso que também os opressores sejam envolvidos na reconstrução da sua humanidade. Sendo esta uma tarefa histórica e humanista dos oprimidos, o de libertar-se e, também, libertar os opressores. Mediante a isto, é notório que

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (Freire, 1987, p. 20).

Ainda,

Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores [...] (Freire, 1987, p. 20).

Se busca a libertação dos sujeitos oprimidos, que tiveram sua humanidade negada pelos opressores e suas ideologias. Não foram tomados como pessoas que possuem pensamentos, falas, sentimentos e são dignos de humanidade, sendo uma luta constante que se perpetua há décadas, e ainda hoje lidamos com processos de desumanização na sociedade e no sistema educacional como já dito.

No caso deste estudo, o foco é a educação humanizadora associada a libertação dos/das educandos/das enquanto reconhecimento de si e na sociedade.

Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à pedagogia libertadora. É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam” (Freire, 1987, p. 21).

A superação da opressão é essencial para a libertação plena dos indivíduos e assim, não reproduzem novas formas de opressões e seguem com essa estrutura, ocasionando outras opressões. Para Freire (1987, p. 21):

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida.

Como mencionado, as situações de opressão perpassam gerações e estão impregnadas dentro de nós, e são reproduzidas por vezes, inconscientemente, com outros, uma vez que “[...] os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de ‘homem’” (Freire, 1987, p. 21). Para mudarmos esse cenário social e inter/intrapessoal, uma possibilidade é atuarmos em direção a outras práticas educativas, de libertação e de transformação dos indivíduos que fazem parte da escola, buscando sua humanização, ao invés da sua desumanização.

Essas outras práticas educativas enfrentam barreiras para se firmar no sistema educacional devido a própria condição estrutural, política e pedagógica das escolas na atualidade, somado aos desafios dos processos educacionais serem pensados em caráter coletivo. Devido esses obstáculos, acabam se apegando no que está dado e hegemônico.

Os/as docentes vivem e/ou já viveram na pele um tipo de silenciamento em suas práticas, seja pelo sistema, por gestores ou por outras pessoas que estão no ambiente escolar; quando são coagidos ou terem que seguir com um padrão estabelecido. Também, acontece de quando buscam mudanças veem como impedimento, muito trabalho e tempo, ou até mesmo por trazer problemas para escola e/ou direção, considerando do local e do/a docente.

“O ‘medo da liberdade’, de que se fazem objeto os oprimidos, medo da liberdade que tanto pode conduzi-los a pretender ser opressores também, quanto pode mantê-los atados ao status de oprimidos [...]” (Freire, 1987, p. 20), quer dizer libertar-se e promover a libertação de outros sujeitos é algo desafiador para o/a professor/a-mediador/a, que também é oriundo de uma estrutura opressora. Então, esses acabam optando ficar acomodados. “Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores” (Freire, 1987, p. 22). Vale destacar que os oprimidos também:

Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de “dentro” de si. Entre as desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (Freire, 1987, p. 22-23).

Significa dizer que a mudança precisa ser desafiada, desejada por cada docente, mediante constantes reflexões e ideias de mudanças na prática educativa. Mudanças em direção a promoção da educação como prática de liberdade, para uma educação problematizadora, que os conhecimentos sejam construídos coletivamente de forma crítica, e dessa forma os/as educandos/as galguem consciência de sua realidade e busquem transformá-la. Ou seja:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se está, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca (Freire, 1987, p. 24).

Quer dizer, a libertação dos homens e de mulheres só será possível através da teoria e prática ao serem trabalhadas juntas. Logo, “O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (Freire, 1987, p. 33). Ganha sentido outra educação dada “[...] a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na ‘razão’ desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais” (Freire, 1987, p. 22). No entanto, para alcançar mudanças é indispensável uma educação crítica voltada para a transformação social e assim, se promova a humanização.

Educadores/as e educandos/as intencionados à realidade, à mudança, à educação com sentido político, se encontram como sujeitos de um mesmo processo; que almejam um encontro educativo, conhecer criticamente e construir conhecimentos. E, na ação e na reflexão, dirigem-se ao saber e a realidade, se colocam seres fazedores de si de modo permanente (Freire, 1987). Em que o processo de ensino-aprendizagem é construído coletivamente, em que a prática educativa torna-se ação flexível e viva, dialógica e coletiva, alegre e ética. Educandos/as e educadores/as são sujeitos ativos na construção do conhecimento, logo, se faz assim uma educação emancipatória.

Mas, sabemos que esse tipo de educação não interessa a classe dominadora, devido seu propósito potente, do pensamento crítico. Não interessa pelo fato de que:

O opressor sabe muito bem que está “inserção crítica” das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de imersão” em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situação limite”, que lhes parece intransponível.

[...]

Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se “inserir” nela criticamente (Freire, 1987, p. 26).

Afinal, como já dito “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1987, p. 38). Nesta concepção o/a educador/a é quem detém o saber e o conhecimento, depositando aos/as educandos/as. Sobre esta concepção, Freire (1987, p. 39), destaca:

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação.

Guerra e Costa (2019)<sup>3</sup> afirmam que as práticas consideradas tradicionais e conservadoras foram perpetuadas por anos dentro das instituições de ensino e ainda são vistas como técnicas de êxito e de excelência que preza pela assimilação sistemática dos conteúdos. Esta visão Freire nomeia de educação bancária, que em nada promove para a tomada de consciência das pessoas.

Nesta concepção, tudo gira em torno de interesses dos opressores, seja o estado, sistema ou uma pessoa.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação (Freire, 1987, p. 37).

O interesse dos opressores foca na alienação do ser humano, no caso dos educandos na posição de oprimidos, e assim, mantém-se essa estrutura de poder em que a educação está configurada.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 1987, p. 37).

---

<sup>4</sup>São autoras com trabalhos voltados às práticas educativas transformadoras, formação de professores, entre outros temas similares. Mas, cujo argumento e problematização fundamentam-se nos princípios freireanos, por isso a opção pelas ideias do artigo.

Assim, os componentes curriculares são desconectados da realidade dos estudantes, e a aprendizagem defasada, algo superficial e sem sentido. “Educador/a e educandos/as se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (Freire, 1987, p. 38).

Se formos olhar e refletir sobre as práticas educativas vigentes, notamos que o sistema da decoreba ainda vigora bastante usado no sistema educacional, e um dos motivos é a escola centrar-se no alcance das avaliações externas e internas, por isso se prioriza os conteúdos programáticos de forma intensiva com os/as educandos/as. A memorização é muito utilizada para esse sentido e o pensar crítico fica de lado.

Em vista disso, nesta vertente, o/a educador/a também é oprimido/a e explorado/a na medida em que seu pensar e fazer são tolidos, portanto, sua prática educativa galga uma visão de mundo distorcida da realidade. Aqui, o foco é a domesticação dos/as educandos/as, pois, cabe “[...] à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção ‘bancária’, tanto mais ‘educados’, porque adequados ao mundo” (Freire, 1987, p. 41).

Diante disso, se dá um processo de desumanização dos sujeitos, e por essa razão a pedagogia libertadora faz da opressão e de suas facções campo de reflexão aos oprimidos e opressores. Essa pedagogia viabiliza e antepõe o reconhecimento crítico da situação, cujo o resultado se for bem desenvolvido, ocasionará como resultado seu comprometimento com sua “libertação” e com a transformação societária (Arelaro & Cabral<sup>4</sup>, 2019)

Essa concepção ainda é observada fortemente em nossas escolas, porque “[...] quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (Freire, 1987, p. 39). Acreditamos que somente através dessa inserção transformadora que mudaremos a sociedade atual, tornando-a mais democrática, igualitária e humanista.

Se olharmos a história, constatamos que tivemos um processo educativo bancário, por isso a importância de refletir sobre a prática educativa nas escolas, buscando transformá-la, em vista de cidadãos pensantes e críticos. Ou seja, pessoas transformadas. Na contramão, teríamos uma prática educativa problematizadora dessa ideologia opressora.

Com base em Paulo Freire, suas ideias acerca da educação e da humanização visam priorizar o diálogo entre educadores e educandos, cujo diálogo é central nesta educação

---

<sup>4</sup> Professora e Assistente Social que tem seus trabalhos voltados para o campo da educação. Possui fundamentos na perspectiva freireana indo ao encontro com as questões abordadas neste trabalho.

humanista, em que o processo educativo é uma construção do/da sujeito da educação e de um processo de humanização durante a vida toda, de aprendizagem de uns com outros. Nesse processo, educadores/as e educandos/as possuem saberes, suas vozes são expressões importantes, e a pauta da aula é o ensinamento crítico dos acontecimentos da sociedade.

Sob esta lógica, percebemos que ainda estamos galgando em direção de uma prática emancipadora que promova a educação libertadora na perspectiva de educadores/as e educandos/as críticos/as, que se respeitem em suas percepções de mundo, que a identidade de ambos seja valorizada. Desse modo, a liberdade se dá quando o sujeito conquista uma postura de reflexão e de autorreflexão sobre seu espaço, seu tempo e sobretudo sobre as possibilidades de mudanças de seu contexto (Guerra & Costa, 2019).

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos (Freire, 1987, p. 26).

Para isso, a participação ativa dos sujeitos durante seu processo de libertação é uma condição necessária. “Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor” (Freire, 1987, p. 33).

Ainda, a prática educativa é um processo de humanização, porque acontece no todo. Uma prática educativa voltada à educação libertadora abrindo caminhos para que educadores/as e educandos/as se humanizem cada vez mais, e estejam contra quaisquer formas de opressão. Mas, atualmente, a educação vem sendo tratada num jogo de interesses, e cabe a nós lutarmos contra as ideologias opressoras, de uma forma que não sejamos prejudicados; mas pautando sempre a formação crítica. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade” (Freire, 1967, p. 97).

Como dito, a educação atual carece humanizar-se, pois ainda prevalece os resquícios da educação tradicional. Isto por diversas razões, entretanto, ressoa também os muitos docentes que arduamente enfrentam todo o sistema, educacional e capitalista, fazendo dia a dia outros contornos pedagógicos que assinalam uma prática educativa mais humanizada.

É sobre esta reflexão de mudança da prática educativa, que abordamos no item seguinte.

## **2. A PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PAULO FREIRE**

### **2.1 Como ocorre?**

Neste item o foco é a prática educativa crítica, tendo em vista que a educação defendida pelo autor envolve a conscientização dos/das sujeitos/as. Uma educação libertadora que os

indivíduos se libertarão das mais diversas formas de opressão, portanto, a prática educativa docente ganha status de formação de si e dos educandos.

Iniciamos, então, pelo/a educador/a humanista e revolucionário/a atuando pela via do diálogo, como parte da tomada de uma consciência crítica. A ação desse/a educador/a sintoniza-se com o processo de humanização de ambos, favorecendo a libertação. Através do pensar autêntico e do saber em curiosidade. Isso requer que uma ética entre todos, nas relações (Freire, 1987).

Tais princípios humanizadores legitimam um ambiente pedagógico de escuta e de falas entre todos num dado processo educativo. A relação dialógica se faz permanente e comum, por isso que Freire (1987) enfatiza a necessidade de se impor contra as ideologias opressoras que sufocam o trabalho educativo. Dessa forma, se instaura a construção do saber entre educadores/as e educandos/as, como tarefa principal da escola. E assim, se desinstala qualquer processo de desumanização dos homens e na escola, e pauta o serviço da libertação.

Essa forma acolhedora entre humanos, foi algo presente em algumas escolas durante vivências que tive no curso, em que os/as educandos/as participavam ativamente das aulas, havia uma relação dialógica entre a educadora e os/as educandos/as. Ou seja, o ambiente era propício para a construção de conhecimentos e trocas de saberes.

Reiteramos, não é fácil efetivar essa prática emancipatória e libertadora nas escolas. Isso se dá, pelo fato que as escolas são usadas como aparelho ideológico do estado em que predomina as vontades e princípios da classe dominante, atualmente dos grandes empresários (Althusser, 1980). Ou seja, é uma luta árdua de educadores/as e educandos/as diante desse modelo, ainda hegemônico e, limitante, para a transformação social.

Nesse sentido, ao refletir sobre a atual estrutura de poder, notamos que:

A burguesia nacional reconhece os limites da *conscientização* que são limites da própria consciência. E aqui ela tem razão: uma conscientização que partisse apenas do educador, limitada ao campo escolar, é insuficiente para operar uma verdadeira mudança social. A educação, e o papel do educador, não é só isso. Se houve tempo em que o papel do pedagogo parecia ser este, hoje, o educador, o intelectual engajado, cimentado com o oprimido, não pode limitar-se a conscientizar dentro da sala de aula. Deverá aprender a se conscientizar com a massa (Freire, 1976, p. 12).

A prática educativa emancipatória e libertadora requer “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mistificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 43).

Esta prática educativa visa a transformação de realidades, pois, será, por meio dela que irão problematizar e refletir sobre os contextos de vida e social, que em conjunto, educadores e educandos, se inserem no processo educativo.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (Freire, 1967, p. 90).

Neste sentido, por meio de uma prática educativa crítica, promotora da educação libertadora, e oposta da educação bancária. “[...] A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. [...] Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados” (Freire, 1987, p. 45). Significa, tomar a realidade e o pensamento crítico em que a aprendizagem se faz significativa.

Daí que a prática educativa voltada para a criticidade, indispensável para a transformação social e dos sujeitos. Tratar a realidade sem um tipo de “venda” que mostre os acontecimentos de uma forma que coloque os educandos para pensar sobre, e promover momentos de debates e questionamentos sobre como podemos transformar (ou tentar) o contexto social em que vivemos. E claro que, essa tomada crítica e dialógica na prática já é o começo da educação humanista.

“A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que é, em que se acham” (Freire, 1987, p. 46). Nesses termos, o trabalho educativo prescinde que educadores e educandos, se motivem à luta por liberdade e mais humanidade. E, para haver um processo de libertação e de humanidade, ambos precisam compreender os processos históricos da sociedade e das relações com o meio. “Por isto mesmo é que os reconhece como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada” (Freire, 1987, p. 47).

Quando tomamos o ser humano como ser inacabado, reforçamos a ideia que através da inconclusão pode ser realizada transformações. Uma vez que estarão em constante mudanças e “[...] a concepção problematizadora reforça a mudança” (Freire, 1987, p. 47), desde esta concepção, geradora de mudanças no modo de pensar, de ver mundo, de uma conscientização sobre sua realidade, que ao se verem como seres inseridos e que interagem com o mundo, buscarão liberta-se e se transformar.

Cabe dizer que, por mais que tenhamos encontrado docentes com práticas tradicionais no ensino escolar, também é verdade que houve aqueles que nos marcaram, embora com limites, por nos conduzirem a refletir sobre os acontecimentos históricos em nexos com a sociedade atual. Esses, mediavam o processo de ensino-aprendizagem, em termos de um olhar crítico e transformador da realidade.

Diante disso, só se transforma a educação dentro de um processo reflexivo da prática educativa entre educadores/as e educandos/as num processo educativo que se quer emancipador. Nesse ponto, Freire (1996) afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as oportunidades para sua própria produção ou a sua construção. Ao entrar em uma sala de aula o/a educador/a deve está aberto a indagações, às perguntas dos/das educandos/das, as inibições e curiosidades. Tais condições implicam ou requerem a presença de educadores/as e de educandos/as inquietos/as, criadores/as, investigadores/as, implacavelmente curiosos/as, assíduos/as e humildes.

A educação transformadora e libertadora se opõe totalmente a educação bancária como já dito, por isso o autor evoca os termos em contraste educando-educador, libertação-transformação, educação bancária-educação libertadora. No sentido de que ambos os sujeitos se educam mutuamente. Sendo assim, ambos se tornam sujeitos do processo e crescem juntos e no qual os “argumentos de autoritarismo” não existem.

E, ao passar por relações autoritárias, percebemos o quanto essa prática é prejudicial para os/as educandos/as porque afeta seu pensar, expressar, agir, interagir e se portar, além de atingir também sua saúde mental. Esse sujeito tende a ficar recluso e com baixa estima durante todo o seu percurso escolar, seja por medo, insegurança e/ou outros problemas decorrente de professores/as autoritários/as.

Arelaro e Cabral (2019) argumentam com base na obra de Freire (1985) que na relação autoritária, os sujeitos são estimulados a obedecer e não a pensar; são estimulados a realizar a transferência de responsabilidade para outras pessoas, de preferência para aqueles que dão ordens e que supostamente dispõem de conhecimentos que justificam tais ordens. Decerto, a relação autoritária é antidemocrática e antipedagógica. A princípio, porque inabilita o diálogo, inibe a construção de saberes e de pontos de vistas dispares. Porque numa relação vertical, que é autoritária, os sujeitos são visto como objetos na história.

Não tem como pensar em uma relação dialógica perante uma estrutura de poder, com o modelo econômico que o representa, demasiadamente autárquico. Essa relação não avança em uma mentalidade fechada, pelo contrário, se torna um ambiente propício para o antidiálogo. Uma sociedade que nega o diálogo – comunicação – e, no seu lugar são oferecidos

“comunicados” frutos de “doação”, que a deixa predominantemente quieta. E acontece justamente pela falta de criticidade (Freire, 1967).

Vale dizer que na sociedade atual está em constante negação da relação dialógica, porque não combina com a estrutura de poder vigente<sup>5</sup>. “O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro [...]” (Freire, 1987, p. 51).

A relação dialógica na prática educativa crítica é substancial para a construção dos conhecimentos, pois será mediante essa relação que acontece a interação entre educandos e educadores, perpassando pelo saber construído no coletivo e mediação de interações, debates, reflexões; onde todos são sujeitos avitos nesse processo.

O autoritarismo ainda perdura enraizado no/a educador/a por meio de sua própria formação acadêmica, que vai desde a educação infantil e até o ensino superior. Ou seja, esse educador/a passou sua vida acadêmica em relação autoritária, sendo a única forma presenciada durante anos e acaba replicando essa relação com os discentes; à vista disso que a reflexão da prática educativa e do processo educativo pautaram a erradicação desse ciclo vicioso, pois, no autoritarismo o diálogo não entra, e a ideologia opressora continua proliferando. Esta forma, se opõe a educação freireana, assim, Freire e Shor (1986, p. 61) destacam que:

O importante é que o professor democrático nunca, realmente nunca, transforme a autoridade em autoritarismo. Ele nunca poderá deixar de ser uma autoridade, ou de ter autoridade. Sem autoridade, é muito difícil modelar a liberdade dos estudantes. A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre.

O/A docente precisa sim ter autoridade na sala de aula, sendo contrária ao autoritarismo, cuja vertente da educação freireana volta-se para a relação dialógica por completo, e o inverso disso significa educação bancária, não transformadora, bastante explicada neste escrito.

[...] Os educadores libertadores têm que usar a autoridade dentro dos limites da democracia. Como fazer isto na prática é mais difícil de demonstrar. Cada classe, cada grupo de estudantes, cada situação exigirá que o professor ajuste a equação da autoridade e da liberdade. Assim como você não pode saber de antemão, exatamente, qual seria essa equação para qualquer classe, você vai ganhando experiência em praticar a autoridade com liberdade, e pode ver, facilmente, pelo comportamento da classe, se seu método está dando certo ou não (Freire & Shor, 1986, p. 61).

Isto é, o/a docente fará constantes reflexões sobre sua prática, reconhecendo que em alguns momentos ele pode desacertar, pela tentativa de evoluir e traçar juntamente com os/as educandos/as meios de promover uma aprendizagem significativa. Contudo, esse/a educador/a

---

<sup>5</sup> Trata da estrutura que se perpetua a séculos, patriarcal, capital e antidemocrática. No entanto, atualmente o governo brasileiro se coloca numa certa flexibilização, aqui no quesito educação, embora muitas controversas.

também precisa ter o conhecimento sobre o público com quem atua e, conseqüentemente, a realidade que os/as educandos/as estão inseridos e assim, com a autoridade de educador/a, mediar o que for preciso na prática educativa. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem estará alicerçado na educação transformadora de fato.

Vale ressaltar que esse perfil de professor/a transformador/a é um devir, nesse sentido Freire e Shor (1986, p. 13) enfatizam que:

O professor simplesmente utiliza uma arquitetura construída em outro lugar, simplesmente relata conclusões a que se chegou em outro lugar. O estudante decora o que lhe é dito. Existe muita pressão para que se ensine desse modo tradicional. Em primeiro lugar porque é familiar e já está funcionando, mesmo que não dê certo em classe. Em segundo lugar porque ao afastar-se do programa-padrão você pode ser tachado de rebelde ou descontente, e estar sujeito a alguma coisa que pode vir dos pequenos aborrecimentos até a demissão.

A prática educativa como mencionado aqui, na direção da transformação postulada por Freire, prescinde constituir-se humana, com objetivos voltados ao cotidiano dos/das educandos/as, e dessa forma alinhada a transformação social e ao pensamento crítico. Para isso, a estrutura pedagógica requer o diálogo entre ambos; precisa voltar-se a realidade dos/das educandos/as, visando a construção de conhecimentos e de uma aprendizagem significativa.

A seguir, abordamos que conhecimentos são esses.

## **2.2 Conhecimento na prática educativa**

De acordo com Freire (1987) na relação educando/a-educador/a o conhecimento possui um valor de revolução estruturada, sistematizada e agregada ao povo. Desse modo, trabalhar os conhecimentos de um currículo escolar, pressupõe garantir a aprendizagem dos/as educandos/as, por meio de associações com a realidade.

No sistema educacional e com uma prática educativa humanizada com diálogo, contextualizada e ação curiosa, em que “[...] conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que é com que estão” (Freire, 1987, p. 55). A conscientização da realidade de oprimidos parte deles mesmos, perpassando por entender como a sociedade está organizada, por realizar reflexões sobre a estrutura de poder, entre outros aspectos.

Em outras palavras, o trato com o conhecimento pressupõe mudança na prática educativa, fundamentado nos princípios da educação transformadora.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui (Freire, 1987, p. 55).

Esta outra forma, nega a opressividade, opositora da humanização. Antes, porém, afirma-se uma prática educativa de “práxis que, sendo reflexão e ação, verdadeiramente transformadora da realidade, fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 1987, p. 58-59). O/A educador/a problematizador/a não pode separar a teoria da sua prática educativa. Por isso, atuar a favor da construção do conhecimento é uma tarefa que o/a educador/a humanista precisa implementar em sua prática educativa.

Como foi exposto anteriormente, ainda que o aparelho ideológico, por vezes, seja mecânico e opressor, faz-se necessário “burlar” refletindo sobre a realidade estabelecida em cada escola. É notório observarmos que no Brasil são realidades educacionais/educativas diferentes, mas quando falamos sobre os conhecimentos que devem ser trabalhados, vemos que é algo padronizado estabelecido para as escolas brasileiras. No entanto, mesmo sendo padronizado cabe aos educadores/as pensarem o conhecimento em relação profunda e contextualizada, partindo do limite explicativo dos/as educandos/as.

Diante disso, esses conhecimentos que são trabalhados na prática educativa na perspectiva humanizadora, transformadora, crítica; tem que partir da realidade que o/a educando/a está inserido/a. O/a educador/a precisa entender os saberes que os/as educandos/as carregam, e assim, trabalhá-los em sala de aula, a fim de promover uma aprendizagem significativa.

O/a educador/a progressista tem sua prática educativa fundada na ética, no respeito à dignidade e autonomia dos/as educandos/as. Ao educador/a trata-se de um exercício contínuo, em vista de uma prática alicerçada numa convivência amorosa, tendo uma postura aberta e curiosa com os/as educandos/as e, simultaneamente tomando-os/as como sujeitos históricos e culturais do ato de conhecer, a partir daí que se vislumbre o respeito à autonomia e dignidade dos/as educandos/as. Assumindo uma postura que ajude a construir um espaço favorável à produção de conhecimentos (Freire, 1996).

Ter um lugar de aprendizagem em que o/a educador/a e educandos/as construam e compartilham saberes diferentes mas que de certa forma se complementam na produção de conhecimentos, em que ambos participam e aprendem juntos. Desse modo, a prática educativa humanista é fator importante, no sentido de um ambiente e fazer amoroso, dialógico, respeitoso e de olho na singularidade de cada um/uma. Trabalhando o currículo escolar articulado com a realidade social, contextual e das necessidades dos/as educandos/as, fazendo nexos entre escola e vida, cultura, cotidiano e conhecimento.

Nesse sentido, Freire (1996) destaca alguns pilares importantes para a prática educativa transformadora, crítica, emancipadora, dialógica, enfatizados aqui.

Um primeiro é ensinar exige rigorosidade metódica, pois:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

[...]

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de idéias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro (Freire, 1996, p. 14-15).

Ou seja, os conhecimentos precisam ser trabalhados desde elementos, reflexões e questionamentos diante da realidade daquele/a aluno/a, estimulando assim o pensamento crítico. Nessa direção, ensinar também exige respeito aos saberes dos educandos, assim:

[...] o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia (Freire, 1996, p. 17).

Quer dizer, cabe ao/a docente promover discussões com base nos saberes e no saber escolar dos diversos campos de conhecimento, isto é, relacionar realidade local e ciência, num verdadeiro campo de ideias e de questionamentos sobre o que acontece e porquê acontece determinada situação ou como aferir um conceito. Neste fazer, partindo de situações do cotidiano em sala de aula se promove o senso de criticidade, a curiosidade e a inquietação, sempre adotando procedimentos didáticos e pedagógicos diversos, como exemplo texto jornalístico, um conjunto de perguntas ou uma explanação recheada de saberes dos estudantes. O intuito é aprofundar acerca da realidade vivida e como podemos transformá-la.

Por exemplo, se o/a docente for trabalhar sobre a desigualdade social é mais viável partir daquilo que os estudantes têm como leitura de mundo e com suas questões locais. Esses questionamentos, visões de mundo e de vida vivida certamente gerarão ricos aprendizados, debates e relações com realidade contextual onde vivem e em demandas concretas. Dessa forma, sujeitos com reflexões da realidade concreta se veem sujeitos inquietos, ativos e, alguns, mais implicados com as lutas coletivas.

É perceptível que a prática educativa transformadora e crítica é o alicerce para o processo de aprendizagem e formação de sujeitos na direção cidadã e libertadora, por essa razão

que Freire (1996, p. 21) salienta que a “prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.” Ou seja, precisamos está em constante reflexão sobre o currículo em ação, a formação continuada, o trabalho coletivo e o diálogo com saberes dos educandos.

A prática educativa não é tarefa fácil para educadores/as. Devido os inúmeros problemas como desvalorização da profissão, carga excessiva de trabalho, controle do sistema, etc. São questões que também oprimem e geram acomodação. Dessa forma, nos parece que a marcha é a favor da luta e de fato contribuir para a transformação da sociedade, conseqüentemente com formação crítica e plena.

Neste tópico tratando da prática educativa crítica em Paulo Freire, vimos que a relação dialógica, consciente, conectada com a realidade e com emancipação de todas as pessoas, são aspectos de uma prática educativa humanista. Em que ao ser gestada dentro das escolas, transformarão vidas, conseqüentemente promove a libertação. Também foi destacado a importância de trabalhar os conhecimentos relacionando com o cotidiano de vida e do contexto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa pretendeu discutir a relação existente entre prática educativa e humanização na obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, em que percebemos um verdadeiro e necessário entrelaçamento, embora sejam dimensões da formação distintos na direção de uma educação transformadora. A prática educativa é o modo singular de cada docente exercer sua docência, espelhado por dimensões múltiplas como a formação inicial e continuada, o currículo oficial, suas visão de educação, ser humano e sociedade entre tantos outros aspectos. E humanização, refere-se ao respeito, inclusão, troca, autonomia etc. que a cada homem, mulher, criança, idoso, jovem a vida social envolve.

Entretando, vale ressaltar que colocar em prática a educação humanista não é tarefa fácil, pois o campo educacional enfrenta vários desafios, alguns desses já perduram séculos. Até hoje a educação escolar brasileira vive fortemente o paradigma da concepção bancária que já sabemos seus ditames e modos de operacionalização, e que não alcança a formação crítica e social dos envolvidos, educandos/as e educadores/as.

Nesta pauta, os educadores/as enfrentam também embaraços do sistema educacional que vigorou e vigora, contribuindo também para sua desumanização, seu silenciamento e até adoecimento. Por isso, os postulados de Paulo Freire, precisamente, nas obras analisadas confirmam que é a luta contra a ideologia dominante é condição para qualquer mudança ou

transformação educacional que se deseje. Obviamente, que sabemos de toda estrutura educacional tradicional e transplantada ao longo do tempo.

E como um resultado da pesquisa, podemos dizer que a prática educativa em tempos atuais, em que a vida parece não ter sentido ou é deixada em segundo plano, humanizar o ato educativo é uma condição importantíssima, porque com relações dialógicas, esteticamente belas, amorosas, fica mais fácil um construto educativo/educacional pautado na consciência crítica, na valorização dos saberes e com educandos desejosos de aprender sempre. Dessa forma, estaremos na direção de uma prática educativa tomando sujeitos históricos e transformadores, e conseqüentemente esvazia-se o cenário de desumanização. A humanização os ver-se como sujeitos de direitos, vontades e opiniões, é olharmos o ensinar-e-aprender com humanos em suas concretudes de vida e existência, e não apenas currículos com ideologias do sistema opressor. Nesse cenário, a educação humanizadora é crucial para transformar os sujeitos e a sociedade.

Em termos do currículo escolar, ainda prevalece os conteúdos e salas de aula arcaicos e antidemocráticos, que precisamos remar contra essa maré, na direção de um trabalho pedagógico estigante, questionador, problematizador e de debate frente aos acontecimentos societários.

O autor em estudo, é claro na sua indicação de uma prática educativa voltada para a humanização dos/as educandos/as e também dos/as educadores/as, devido serem sujeitos ativos nessa outra concepção de educação, como prática de liberdade. Esta prática também apoia-se na relação dialógica, que possibilita os sujeitos à criticidade e através deles, terão suporte para promover a transformação social.

Nesse artigo, com base nas ideias defendidas por Freire, a educação é fundamental para a emancipação dos sujeitos, e esta só se fará realidade no ambiente escolar, erradicando a educação bancária, que está presente como já dito. A defesa da educação como prática de liberdade precisa ser o mote da escola, dos/as educadores/as, do sistema educacional, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ainda que haja inúmeras adversidades da sociedade atual, sendo a principal a ideologia dominante. Mas, o mote freireano e da estudante deste trabalho, concluindo a licenciatura em Pedagogia, é lutar pela formação cidadã e crítica.

As obras de Paulo Freire contruibem e muito para o processo de formação profissional e pessoal de qualquer pessoa, mas em especial para os estudantes de licenciaturas nos pareceu essencial no sentido de uma leitura crítica da realidade da educação no tempo presente, e cuja formação direciona-se com sujeitos em formação. Aprender dessa educação transformadora e humanizadora passando pelo respeito aos educandos delineada na prática educativa, precisa ser

em termos sociopolíticos uma bandeira de luta dos educadores, desde a referência do legado do autor.

Até porque quando olhamos com cautela e analisamos o sistema educacional vigente, observamos que falta estudos de Freire por docentes da Educação Básica, com aprofundamentos e/ou compreensão de suas escritas. Entender isto e tentar mudar o cenário é primordial para efetivação de uma educação humanizadora pensada e realizada também como dimensão do todo social, isto é, articulada com a realidade da sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ARELARO, L.R.G.; CABRAL, M.R.M. **Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora**. In: BOTO, C., ed. *Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados*. Tradução. Uberlândia: EDUFU, 2019.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Lícia Flávia Santos; COSTA, Maria Adélia da. **A prática pedagógica transformadora: uma visão conceitual**. Anais VI CONUDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Paz e Terra, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MORAIS, A. B. DA S.; AGOSTINI, N. A VISÃO HUMANIZADORA DE PAULO FREIRE: por uma educação integradora do humano e do social. **Interação – Revista de Ensino, pesquisa e Extensão**, v. 20, n. 1, p. 5 – 28, 2019.